

ROTA DOS ESCRAVOS NAS CARAÍBAS

Route of Slaves in the Caribbean

RODRIGUES, João Botelho Veloso¹, & RODRIGUES, João Bartolomeu²

Resumo

O presente trabalho intitulado *Rota dos escravos nas Caraíbas* tem por objetivo perceber que a escravidão é um fenómeno universal e que a sua origem é testemunhada na mais antiga literatura universal. Num segundo momento, dá-se a conhecer o contexto em que se inscreve a rota dos escravos que na sequência dos descobrimentos animou o comércio triangular: Europa, África e América, no tempo da colonização. O contexto histórico da escravatura nas Caraíbas é objeto de análise deste trabalho. Num momento final, tentarei apreender a reação na atualidade de duas “filhas da escravidão” Marlene Nourbese Philip e Jamaica Kincaid: um testemunho na primeira pessoa de duas mulheres de origem africana a viverem no Canadá.

Abstract

The present work entitled *The Caribbean Slave Route* aims to realize that slavery is a universal phenomenon and that its origin is witnessed in the earliest universal literature. In a second moment, the context in which the route of the slaves is inscribed is revealed, which following the discoveries encouraged the triangular trade: Europe, Africa and America, at the time of colonization. The historical context of Caribbean slavery is the subject of this work. In a final moment, I will try to grasp the reaction today of two “daughters of slavery” Marlene Nourbese Philip and Jamaica Kincaid: a first-person testimony of two African-born women living in Canada.

Palavras-Chave: *Escravatura; Caraíbas; Século XIX.*

Key-words: *Slavery; Caribbean; XIX century.*

Data de submissão: janeiro de 2019 | **Data de aceitação:** setembro de 2019.

¹ JOÃO BOTELHO VELOSO RODRIGUES – Universidade de Coimbra. PORTUGAL. E-mail: joaorodrigues6969@hotmail.com.

² JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. E-mail: jbarto@utad.pt.

INTRODUÇÃO

Para a presente investigação “Rota dos escravos nas Caraíbas”, traçámos como objetivo geral assinalar alguns marcos significativos que caracterizaram a rota do tráfico de escravos nas caraíbas desde o século XVII ao XIX e como objetivo específico tentar perceber o alcance da tragédia humana e como as consequências são percebidas pelos filhos e filhas desses povos na atualidade. Analiso o pensamento de Marlene Nourbese Philip em *A Small Place* e de Jamaica Kincaid em *Echoes in a Stranger Land* e *Echoes in a Stranger Land*.

Consciente de que o tema é demasiado abrangente e que este é um dos primeiros trabalhos académicos, importa esclarecer desde já os seguintes aspetos: não se pretende um estudo exaustivo sobre a temática. A modéstia impõe que limite o âmbito do trabalho: o período temporal que abarca é muito extenso, por isso, o aprofundamento terá que ser superficial. A metodologia seguida apoia-se essencialmente na recolha e análise de textos, no sentido de apreender as conclusões resultantes desta investigação.

Este trabalho apoia-se na revisão bibliográfica sobre a temática enunciada. Acuso, desde já, um conhecimento superficial da matéria em estudo, o que me obriga a um esforço suplementar. Diante da quantidade e multiplicidade de fontes que a internet e as bibliotecas nos disponibilizam, independentemente da qualidade, importa, desde já, esclarecer que na presente pesquisa tive como ponto de partida o motor de busca (GA) *Google Académico*, o RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto Português) e a B on (Biblioteca online). A consulta da biblioteca da Universidade de Coimbra revelou-se preciosa, particularmente na consulta de artigos de investigadores que trataram deste assunto. A bibliografia usada será referida ao longo do texto e aparecerá no final do trabalho. Das fontes utilizadas, destaco em primeiro lugar, a bibliografia fornecida pela docente, particularmente, *Frontiers: essays and writings on racism and culture* (1992) de Marlene Nourbese Philip e de *A Small Place* (1988) de Jamaica Kincaid. Uma das particularidades destes textos é de serem símbolos e representações que remetem os leitores para contextos de servidão neocolonial, no qual se deu seu processo de formação das autoras.

Ainda no sentido de delimitar, circunscrever e orientar num sentido preciso a investigação que me proponho levar a cabo, formulo as seguintes questões:

- Quando falamos de “rota de escravos nas caraíbas”, que contornos históricos e culturais marcaram a colonização e desenvolvimento destes povos?
- Que implicações teve a escravatura na identidade desses povos?

Sem qualquer pretensão de dar uma resposta definitiva e fechada às questões acima formuladas, quero, apenas, referir que o conteúdo desta problemática é profundamente complexo, quer do ponto de vista histórico, quer dos pontos de vista diferenciados, da atualidade: colonizadores, por um lado e colónias, por outro. Por isso, o relevo dado a um assunto, não surge de modo independente do tempo e do lugar, mas, pelo contrário, reflete, direta ou indiretamente, a circunstância e o contexto do tempo em que a ação decorre, ou seja, da História. A História não é uma ciência acabada, ela resulta da descoberta dos mais diversos fragmentos que a constituem, da sua concatenação e de um esforço hermenêutico, capaz de lhe atribuir alguma ordem: o passado torna-se presente, e o presente ganha sentido e a pintura vai ganhando contornos cada vez mais claros e precisos. É neste sentido que me proponho elaborar este trabalho.

1. MARCOS HISTÓRICOS DA ESCRAVATURA

Uma das questões acima levantada referia-se aos conteúdos que a noção de “escravatura” encerra. Sem entrarmos em definições de dicionários, podemos afirmar que a escravidão diz respeito a uma prática social em que alguns seres humanos têm direito de propriedade sobre outros seres humanos. Esse “direito” deriva de uma imposição pela força. Essa ideia que identifica o escravo como uma mercadoria estava instituída nas mais antigas sociedades.

Se recuarmos na História da Literatura, até onde for possível, perceberemos que a referência à escravatura aparece nos mais antigos escritos que a humanidade conhece. Refiro-me, concretamente, à *Epopéia de Gilgamesh*, uma história do terceiro milénio a.C., o mais antigo documento da literatura do ocidente. Nas primeiras páginas deste poema, Gilgamesh, o III rei de Uruk (cidade de Gilgamesh), escraviza e atormenta o seu povo, de tal forma que os gemidos e lamentos dos homens de Uruk chegaram aos ouvidos dos deuses e estes intervieram junto de Anu, o deus de Uruk:

The gods heard their lament, the gods of heaven cried to the Lord of Uruk, to Anu the god of Uruk: ‘A goddess made him, strong as a savage bull, none can withstand his arms. No son is left with his father, for Gilgamesh takes them all; and is this the king, the shepherd of his people? His lust leaves no virgin to her lover, neither the warrior's daughter nor the wife of the noble. When Anu had heard their lamentation the gods cried to Aruru, the goddess of creation, ‘You made him, O Aruru; now create his equal; let it be as like him as his own reflection, his second self; stormy heart for stormy heart. Let them contend together and leave Uruk in quiet (Gilgamesh 2000, pp. 13-14).

Na Bíblia, encontramos abundantes testemunhos da prática da escravidão: prisioneiros de guerra eram frequentemente reduzidos à escravidão, de acordo com os costumes da antiguidade. O livro do Deuteronómio faz referência à proibição do uso da violência contra os prisioneiros: “When you go to war against your enemies and the Lord your God delivers them into your hands and you take captives” (Dt 21, 10); a compra e venda de escravos estrangeiros é testemunhada no livro do Génesis, onde os escravos e os filhos destes ficam sujeitos às leis da circuncisão “For the generations to come every male among you who is eight days old must be circuncised, including those born in your household or bought with money from a foreigner those who are not your offspring” (Gn 17, 12); também os hebreus eram comercializados como escravos, dispondo de uma legislação própria que regulamentava este comércio:

If you buy a Hebrew servant, he is to serve you for six years. But in the seventh year, he shall go free, without paying anything. If he comes alone, he is to go free alone; but if he has a wife when he comes, she is to go with him. If his master gives him a wife and she bears him sons or daughters, the woman and her children shall belong to her master, and only the man shall go free, but if the servant declares, 'I love my master and my wife and children and do not want to go free,' then his master must take him before the judges. He shall take him to the door or the doorpost and pierce his ear with an awl. Then he will be his servant for life. If a man sells his daughter as a servant, she is not to go free as male servants do. If she does not please the master who has selected her for himself, he must let her be redeemed. He has no right to sell her to foreigners, because he has broken faith with her. If he selects her for his son, he must grant her the rights of a daughter. If he marries another woman, he must not deprive the first one of her food, clothing and marital rights. If he does not provide her with these three things, she is to go free, without any payment of money (Ex 21, 1-11).

Israel, enquanto povo, foi profundamente marcado pela sua dupla experiência inicial: a escravidão vivida no Egito e a maravilhosa história da sua libertação (Dt 26, 6; Ex 22,20). Esta experiência de libertação teve reflexos na legislação hebraica, a qual queria fazer o escravo hebreu passar à condição de assalariado (Lv 25, 39 -55), pois os filhos de Israel resgatados por Deus da escravidão do Egito não mais poderiam ser escravos de um homem.

O problema da escravatura colocou-se de novo nas comunidades cristãs do mundo greco-romano, onde não há uma condenação veemente desta prática, mas se sugere que o escravo seja tratado fraternalmente (Ef 6, 9) e possa mesmo ser libertado (Fm 14, 21).

Na Antiga Grécia, onde a o conceito de democracia mergulha as suas raízes na relação direta do cidadão com a *polis*, no seio de valores e contradições floresce a escravatura como uma realidade sociológica naturalmente aceite. A origem da escravatura na antiguidade clássica aparece associada às guerras: os vencidos tornavam-se escravos sobre os quais os vencedores tinham direito de propriedade. A escravatura esteve sempre ligada à economia, por isso, nas sociedades antigas, os escravos eram considerados como mercadorias: o escravo trabalhava pela alimentação, roupa e abrigo, sem direito a qualquer tipo de remuneração. Também era frequente as pessoas tornarem-se escravas por não poderem pagar as dívidas, ou então serem obrigadas a vender os filhos para pagamento das dívidas. O rapto e a recolha de crianças abandonadas para fins de escravatura eram práticas toleradas na Grécia Antiga.

A Grécia clássica foi a primeira civilização a institucionalizar a escravatura, enquanto conceito de produção (Dubois, 2006, p. 13). No entanto, importa lembrar a observação de Veyne, ao referir-se ao esclavagismo, onde afirma categoricamente que o esclavagismo “não é um traço essencial da Antiguidade romana mais do que a escravatura no sul dos Estados Unidos antes de 1865: constitui uma característica do Ocidente moderno. Fora dessas regiões de eleição, a escravidão é apenas uma das relações de produção...” (Veyne 1990, p. 63).

Depois desta contextualização histórica, muito sumária, onde se percebe que a escravatura se perde na antiguidade, importa agora refletir no fenómeno global que surge com os descobrimentos.

O potencial de terras infinitas que a descoberta da América oferecia à ganância dos países colonizadores, bem cedo justificou a escravidão dos negros de África: a inaptidão dos índios para os trabalhos duros que as explorações agrícolas e mineiras exigiam e a resistência destes à escravidão, bem depressa fez os europeus perceber que a subserviência dos negros era a solução para povoar e explorar o continente americano. Além disso, o facto dos negros africanos serem provenientes de diferentes regiões de África e falarem dialetos diferentes, isso impedia-os de se organizarem e levarem a cabo potenciais revoltas.

Depois dos portugueses em 1434 terem passado o Cabo Bojado, começaram a navegar sem medo ao longo da costa ocidental africana e abriram as portas deste continente. Desde muito cedo iniciaram esta primeira fase da escravidão africana: começaram por trazer escravos para Lisboa. Este negócio prosperou rapidamente. Há um documento de um viajante alemão que refere essa realidade sociológica nos seguintes termos:

Há em Lisboa como em todo o Reino muitos negrinhos a quem o Rei obriga a praticar a religião cristã e a aprender a ler e escrever o latim; tenciona converter à nossa religião as ilhas de que é senhor e muitos outros domínios dos reis negros. Há já vários reis da Etiópia cujas boas graças ele obteve com presentes e outras cousas que dizem que não adoram senão o deus do Rei de Portugal. Este obriga também as raparigas negras a tecer fiar e fazer os outros trabalhos que são próprios das mulheres (Mouzer, 149, p. 17).

Se os portugueses iniciaram este tráfico de escravos africanos, os espanhóis deram continuidade e outros países europeus recorreram aos mesmos métodos para povoarem as suas colónias. O quadro que se segue mostra com clareza o volume de escravos que foi traficado ao longo de quatro séculos (1500 e 1875). Apesar do quadro sinóptico se apoiar em estimativas, ele reflete o volume de pessoas que ao longo de quatro séculos foram traficadas de África para a América.

	Espanha / Uruguay	Portugal / Brasil	Grã- Bretanha	Países Baixos	EUA	França	Dinamarca / Báltico	Totais
1501-1525	6.363	7.000	0	0	0	0	0	13.363
1526-1550	25.375	25.387	0	0	0	0	0	50.762
1551-1575	28.167	31.089	1.685	0	0	66	0	61.007
1576-1600	60.056	90.715	237	1.365	0	0	0	152.373
1601-1625	83.496	267.519	0	1.829	0	0	0	352.844
1626-1650	44.313	201.609	33.695	31.729	824	1.827	1.053	315.050
1651-1675	12.601	244.793	122.367	100.526	0	7.125	653	488.065
1676-1700	5.860	297.272	272.200	85.847	3.327	29.484	25.685	719.675
1701-1725	0	474.447	410.597	73.816	3.277	120.939	5.833	1.088.909
1726-1750	0	536.696	554.042	83.095	34.004	259.095	4.793	1.471.725
1751-1775	4.239	528.693	832.047	132.330	84.580	325.918	17.508	1.925.315
1776-1800	6.415	673.167	748.612	40.773	67.443	433.061	39.199	2.008.670
1801-1825	168.087	1.160.601	283.959	2.669	109.545	135.815	16.316	1.876.992
1826-1850	400.728	1.299.969	0	357	1.850	68.074	0	1.770.978
1851-1875	215.824	9.309	0	0	476	0	0	225.609
Totais	1.061.524	5.848.266	3.259.441	554.336	305.326	1.381.404	111.040	12.521.337

Tabela N.º 1 - Estimativa do tráfico de escravos de África para a América ente 1501 e 1875³.

Há outras estimativas que referem números diferentes. Se a tabela anterior reflete os números da base de dados do projeto Voyages “The Trans Atlantic Slav Trade Database”, a tabela que se segue reflete os números de dois investigadores: Curtin e Rawley. Embora haja diferenças significativas, trata-se em ambos os casos de números muito altos: 9 566 100 e 11 345 000.

³ Fonte: <http://slavevoyages.org/assessment/estimates>.

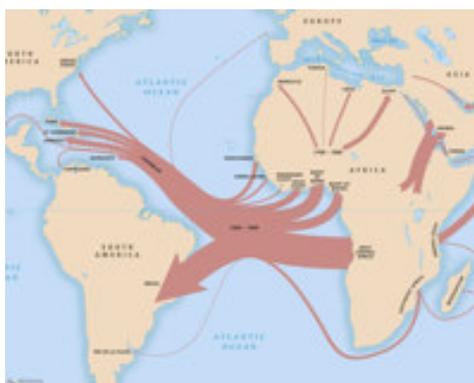
IMPORTAÇÃO TOTAL DE ESCRAVOS

	Segundo Curtin	Segundo Rawley
	399 000	523 000
América do Norte inglesa	1 552 100	1 687 000
América Espanhola	1 665 000	2 443 000
Caraíbas inglesas	1 600 200	1 655 000
Caraíbas francesas		
Caraíbas holandesas	500 000	500 000
Caraíbas dinamarquesas	28 000	50 000
Brasil	3 646 800	4 190 000
Velho Mundo	175 000	297 000
TOTAIS	9 566 100	11 345 000

Tabela N.º 2 - Diferentes Estimativas do tráfico de escravos (Curtin and Rawley)⁴.

O mapa que se segue (MAP 1) representa a diversidade de rotas que os escravos africanos seguiram, desde os seus lugares de origem até às mais diversas regiões do planeta. O mapa indica as rotas transatlânticas desses escravos. O mapa refere-se apenas ao tráfico de escravos africanos, a partir de 1500. Eltis e Richardson acerca deste mapa referem que

as estimativas sobre o tráfico oceânico são mais sólidas do que as sobre as rotas transarianas, do mar Vermelho e do golfo Pérsico; acredita-se, contudo, que entre o fim do Império Romano até 1900, aproximadamente, o número de cativos que cruzaram o Atlântico seja equivalente ao dos que foram levados da África por todas as outras rotas combinadas (Eltis & Richardson, 2010, sp.).



Mapa N.º 1 - Visão geral do tráfico de escravos partindo da África, 1500-1900⁵.

O mapa que se segue (MAP 2) apresenta os diferentes caminhos e destinos dos

⁴Fonte: <http://arlindo-correia.com/200507.html>.

⁵ David Eltis & David Richardson. Atlas of the Transatlantic Slave Trade (New Haven, 2010).

cativos que saíram de África em direção às Américas. Apesar das ligações entre os lugares de embarque e desembarque, o presente mapa permite-nos perceber que toda a América (do norte ao sul, sem esquecer o Caribe) recebeu abundantemente escravos africanos.



Mapa N.º 2 - Volume e direção do tráfego de escravos africanos para as diferentes regiões da América⁶.

Importa perceber agora como era recrutada essa multidão de escravos que ao longo de quatro séculos alimentou a colonização da América. A literatura sobre este assunto é abundante (Courtin, 1969; Klein, 2000), mas é Arlindo Correia quem nos apresenta uma visão clara sobre o processo de captura dos escravos, na região de Benguela. Para além da guerra, mostra como a captura era muitas vezes feita por pessoas próximas dos escravos. O papel dos líderes africanos é tão decisivo, nesta prática, como a dos agentes coloniais portugueses (Correia 2007).

Numa primeira fase, correspondente ao início dos descobrimentos portugueses, o método de angariação de escravos era o rapto: eram raptados e introduzidos à força nos navios negreiros. Essa metodologia foi alterada porque se revelou perigosa. Desencadeava reações violentas nas populações locais, cuja superioridade numérica poderia atacar e dominar os raptadores.

Por esse motivo, os escravos passaram a ser comprados a quem tinha direito de propriedade sobre eles. A condição de escravo resultava de várias causas: os vencidos da guerra assumiam essa condição perante os vencedores; a dependência direta de um chefe da tribo ou de um familiar (pai marido) também sujeitava as pessoas à condição de escravo.

⁶ David Eltis & David Richardson (2015). *Atlas of the Transatlantic Slave Trades*. New Haven: Yale University Press.

A condenação à escravidão era frequentemente usada como pena para castigar os delinquentes, sempre que transgrediam os costumes. A fome e a miséria levavam muitas pessoas a oferecerem-se como escravos para escaparem à miséria: era um meio de subsistência.

Alfredo Caldeira faz referência a esta prática, nos contextos de Angola e da Guiné-Bissau, nos seguintes termos:

prisioneiros de guerra ou aprisionados em *razzias*⁷ destinadas a alimentar o comércio negreiro, os africanos eram escravizados e geralmente vendidos em feiras ou mercados, muitas vezes localizados em pontos estratégicos junto a braços de rio. A estes mercados acorriam comerciantes intermediários ou representantes - frequentemente também escravos - dos negociantes europeus instalados no litoral, que se encarregavam de os comprar e transportar até aos portos de embarque, por via terrestre, marítima ou fluvial, revendendo-os ou entregando-os aos operadores negreiros (Caldeira, 1916, p. 20).

Como eram feitos os pagamentos destes escravos? Os mercadores europeus pagavam essa “mercadoria” com produtos produzidos na Europa: principalmente panos e espelhos, quinquilharia variada, como missangas e espelhos. Mais tarde, a aguardente e o tabaco vindos do Brasil também passaram a ser utilizados como moeda de troca.

África era uma sociedade essencialmente tribal, onde as rivalidades entre as várias tribos e os diferentes reinos se convertiam numa abundante fonte de escravos, que os traficantes facilmente adquiriam aos vencedores. Nos fins do século XVII começaram a ser utilizadas, como moeda de troca, no resgate de escravos armas de fogo e a pólvora que tinham um duplo significado: por um lado era um símbolo da força e por outro, funcionavam como estímulo que os impelia para a guerra.

A metodologia da angariação era a seguinte: escravos de confiança eram encarregados de avançar para o interior algumas centenas de quilómetros com carregadores levando as mercadorias para trocarem pelos escravos. Eram chamados em Angola *pombeiros*. Os escravos eram acorrentados uns aos outros e assim andavam meses até chegarem ao porto de embarque.

⁷ “Razia”, na literatura europeia ocidental, refere-se a um termo que caracteriza a invasão de território inimigo ou estrangeiro, numa incursão rápida visando o saque. Por extensão de sentido, pode se referir a malefícios, depredações ou danos, materiais ou espirituais, praticados por um grupo contra outro.



Figura N. 1 – Pombeiros⁸.

Após a difícil marcha até aos portos de embarque onde chegavam exaustos e famintos, os africanos escravizados eram sujeitos a operações destinadas a restaurar a sua condição física, não por razões humanitárias mas para responder aos objetivos económicos dos proprietários. A alimentação era melhorada e frequentemente eram esfregados com óleo de palma para revigorar a sua aparência física, permitindo assim subir os preços e angariar lucros mais elevados para os seus captadores (Caldeira, 2016, p. 20).

As fomes cíclicas eram, neste contexto, uma variável importante: se por um lado faziam aumentar o número de escravos disponíveis, por outro, dizimavam as populações mais desprotegidas, potencializando a mortalidade e consequentemente a diminuição da oferta.

Mariana Cândido refere ainda a posição da doutrina da Igreja, a qual permitia reduzir à escravatura os prisioneiros feitos em guerras "justas", mas é Toucqueville quem denuncia o conceito elástico que permitia um relativismo de interpretações, ao afirmar:

O cristianismo tinha destruído a servidão; os cristãos de século XVI restabeleceram-na; contudo, apenas a admitiram como uma exceção ao seu sistema social e tiveram o cuidado de a restringir a uma única das raças humanas. Deste modo, infligiram à humanidade uma ferida menos extensa, mas infinitamente mais difícil de sarar (Tocqueville 2001, p. 392).

Outro elemento caracterizador deste fenómeno refere-se aos elevados impostos que eram pagos, no momento do embarque à Fazenda Real. Estes variaram, mas foram sempre aumentando ao longo do tempo.

⁸ <https://pimentaouro.blogs.sapo.pt/tag/escravatura>.

Os traficantes dos escravos destinados às Índias espanholas pagavam o dobro do imposto daqueles que traficavam para o Brasil. E na chegada ao Brasil havia também que pagar direitos de entrada. A fuga ao pagamento deste imposto acontecia de três maneiras: 1. Embarcando os pretos longe do controle do contratador; 2. Transportando nos navios um número superior de escravos àquele que era declarado – até 700 por exemplo em vez de 200; 3. Embarcando os escravos declarando que iam para o Brasil quando na realidade se destinavam às Índias espanholas. Depois de pagos os impostos, os traficantes marcavam no peito com um ferro em brasa os escravos. Também o dono lhes punha mais tarde outro carimbo.

A falta de higiene e de condições sanitárias levou ao aparecimento de muitas doenças que dizimavam um elevado número de escravos, mesmo antes do embarque. A mais mortífera era a varíola, extremamente contagiosa. Assim foi inventada a vacina. No início do séc. XIX, com o aparecimento da vacina, os escravos traficados começaram a ser vacinados contra a varíola.

Antes disso, usavam um processo já conhecido da antiguidade - a “variolação”, que consistia em provocar o contágio de um modo leve para imunizar o organismo e prevenir a varíola. Este método não era absolutamente eficaz e com frequência, muitas destas pessoas acabavam por morrer. Mas havia outras doenças: o sarampo, a malária o escorbuto, a doença do sono os carbúnculos ou antrazes, a matacanha ou bitacaia (*tunga penetrans*) que podia ser mortal se o bicho se partisse ao ser extraído. Outra doença que atingia os escravos era o *banzo* isto é a depressão, a tristeza a melancolia que provocava fastio total e levava alguns à morte. Ainda antes do embarque os escravos eram batizados em grupo. Rigorosamente deveriam antes disso ser instruídos na religião, mas isso nem sempre acontecia.

Os escravos ficavam instalados em cercados ou grandes armazéns rudimentares, dormindo no chão ou sobre esteiras. Nestes armazéns, conhecidos por barracoons⁹, “os homens-mercadoria eram devidamente vigiados e, em alguns casos, trabalhavam no fabrico de cestos e outros artigos de palha, enquanto aguardavam pelo embarque, que poderia ser célere ou demorar meses” (Caldeira 2016, pp. 20-21).

⁹ “Barracoon” é um tipo de quartel usado historicamente para o confinamento temporário de escravos ou criminosos.

Feita a angariação dos escravos, consideremos agora o segundo momento: a travessia do Atlântico. Chegada a hora do embarque, os escravos eram rapidamente carregados. O transporte fazia-se com a maior rapidez possível, pois quanto menos tempo demorasse a viagem, menos escravos morriam e maior era o lucro. Começamos pelos navios de transporte de escravos. Estes estavam preparados para este tipo de transporte:

utilizados para o transporte de escravos eram navios de carga adaptados, quer em termos da sua capacidade de transporte, designadamente criando uma segunda coberta, quer em termos das condições de navegação nas costas africanas, permitindo assim incursões nos rios, como é o caso do Cacheu (Caldeira, 2016, p. 22).

Os navios mais utilizados eram os bergantins e as caravelas. Estes navios gozavam de tão má fama que eram chamados *tumbeiros* isto é cangalheiros. As condições em que os escravos eram transportados eram miseráveis.



Figura N. 2 - negreiros ou navios *tumbeiros*.¹⁰

A duração média das viagens era variável: dependia fundamentalmente do local do desembarque e do destino. Podia variar entre 25 e 80 dias. Havia outras variáveis que alteravam o tempo de cada viagem: as tempestades eram imprevisíveis, as condições atmosféricas condicionavam a duração da viagem. E sempre que uma viagem atrasava aumentava a probabilidade do número de mortos: morriam à fome e à sede. Embora as quantidades de alimentos fossem calculadas em função da duração média das viagens, era frequente a sua escassez de alimentos (Correia 2007).

¹⁰https://www.google.pt/search?biw=1314&bih=570&tbm=isch&sa=1&ei=ZDwEXKK9L9Sg1fAP06-yiAU&q=tumbeiros+de+angola&oq=tumbeiros+de+angola&gs_l=img.3...6185.11683..12765...0.0..0.135.817.7j2.....1....1..gws-wiz-img.....0i7i30j0i7i5i30.QglyspuRYPi

A mortalidade média estimada rondava os 10 %. Esta percentagem, que já era alta, aumentava nas viagens mais longas nomeadamente nas efetuadas a partir de Moçambique. Aumentava assustadoramente quando se manifestavam focos de epidemias na população. A forma mais eficaz de controlar as epidemias era lançarem os doentes ao mar para não contaminarem os outros.

O aumento da mortalidade baixava os lucros dos traficantes. Por isso, havia um esforço para baixar a mortalidade entre os escravos: as escotilhas eram frequentemente arejadas e os escravos passaram a circular entre o porão e o convés. Os escravos circulavam acorrentados, alternadamente por turnos, entre o convés e o porão, a fim de respirarem ar mais puro. Correia (2007) refere que a partir de certa altura cada navio levava um médico-cirurgião, numa tentativa de baixar a taxa de mortalidade entre os escravos. Essa medida revelou-se pouco eficaz, quer pela impreparação dos médicos, quer pela escassez de medicamentos.

Outra variável que comprometia o êxito do negócio eram as rebeliões. Há notícias de muitas rebeliões a bordo: a grande maioria eram reprimidas e só uma pequena parte tinha sucesso, mas o certo é que havia sempre baixas e isso era sinónimo de prejuízo. A opção do suicídio, por parte de muitos escravos, fazia aumentar a taxa de mortalidade destas viagens: muitos preferiam esta opção a sujeitarem-se à escravidão.

Em *O Navio Negreiro* de Castro Alves, publicado 1869 e reeditado em 2016, o seu autor, mais conhecido como “poeta dos escravos”, deixa um testemunho desta realidade, onde o poeta retrata o contraste entre o “ontem” e o “hoje”, ou seja, entre a liberdade de que os negros gozavam em África e a condição atual de escravos agrilhoados, a caminho do cativo:

Ontem a Serra de Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas da amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infeto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado
E o baque de um corpo ao mar.....

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder....
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
-Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a espoja das tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! Noites! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares tufão!...
(Alves, 2016, p. 6)

3. O CARIBE

Depois desta contextualização histórica, onde referi, em traços gerais, as principais características que marcaram o fenómeno da escravidão, que ao longo quatro séculos deportou milhões de negros do continente africano para o americano, parece-me oportuno perguntar: O que é o Caribe? David Lember¹¹, no artigo “An introduction to the Caribbean, empire and slavery” regressa ao ano 1492, ano em que Cristóvão Colombo chegou ao continente americano e o confundiu com a Índia. Nesse tempo os europeus ainda não sabiam que se tratava de um novo continente – a América. Essa confusão levou os europeus a designarem os nativos de “Índios”. Geograficamente, o Caribe pode ser entendido como a “Indonésia ocidental”, ou seja, a região que integra o território costeiro das américas e o conjunto de “ilhas das índias do ocidente” na interação com o Mar do Caribe. Os primeiros contactos entre os indígenas do Novo Mundo e os europeus teve

¹¹ David Lember is Professor of Caribbean History at the University of Warwick and former Director of the Yesu Persaud Centre for Caribbean Studies, publicou recentemente um artigo “An introduction to the Caribbean, empire and slavery” (2017). Também o artigo anónimo “The Caribbean” publicado em Slavery and Remembrance. A guide to sites, museums, and memory, publicado no site <http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0105> servirá para responder à pergunta “O que é o Caribe”?

lugar no Caribe, quando Colombo se deparou pela primeira vez com esta região. Colombo interagiu com os nativos e provocou um contato mais profundo com estes povos, tendo-se seguido de imediato a exploração desta região, não só pela Espanha, mas também por outras nações europeias:

Columbus claimed many of the Caribbean islands for Spain. For much of the 16th century, Spain had things pretty much its own way in the region. From the early 17th century, however, people from other European powers, including France and England, settled in the region too. The English settled in St Kitts in 1624, Barbados, Montserrat and Antigua in 1627 and Nevis in 1628. Around the same time, France established colonies in Martinique and Guadeloupe. In this way, the Caribbean came under the control of a number of competing European countries, joining Spain, which had established its first colonies in the region more than a hundred years before (Lambert, 16 nov 2017).

A tentação imediata dos espanhóis foi iniciar a exploração mineira. Mas cedo perceberam que não havia naquelas terras nem ouro, nem outros minerais preciosos. Por isso, cedo se voltaram para a exploração agrícola. Porém, a insuficiência da mão-de-obra indígena, agravada pela inaptidão dos índios para os trabalhos agrícolas e pela sua rebeldia face à escravidão, levou os europeus a traficar escravos africanos para trabalharem nas explorações agrícolas. Ora esse êxodo forçado de africanos para o Caribe (ver tabela 2) imprimiu uma profunda alteração demográfica no Caribe, agravada pelas doenças que os europeus e africanos levaram consigo e que dizimaram os nativos:

Beginning in the late fifteenth and early sixteenth centuries, Europeans began to exploit the region for mineral and agricultural production, launching unprecedented demographic changes as indigenous people were systematically replaced with people of African origins. Defining the Caribbean is difficult, as each island, place, and people has followed a unique trajectory to the present. In general, however, it is possible to identify a few patterns in land, labor, and history (Lambert, 16 nov 2017).

Num artigo publicado no *The Penny Magazine*, dedicado a Kingston, o autor anónimo testemunha essa confluência de raças nos seguintes termos:

in the world There is a sad want of statistical facts not only concerning Kingston but Jamaica in general. The population of the city is roundly estimated at 35,000 of whom 10,000 are whites 17,000 negro apprentices lately slaves and the rest creoles and free people of colour Kingston was incorporated as a city in 1803 and is governed by a mayor twelve aldermen and twelve common councilmen (The Penny Magazine 1835, 375).

Essa característica demográfica híbrida, resultantes do cruzamento de europeus, indígenas e africanos é um traço que ajuda a caracterizar o Caribe, apesar de insuficiente para definir e identificar este lugar, pois cada ilha seguiu o seu percurso. No longo curso do tráfico de escravos, os mercadores entregaram mais de quatro milhões de africanos ao Caribe (tabela 2). Essas populações levaram ao crescimento de sociedades multirraciais na região, muitas das quais têm traços culturais híbridos africanos-europeus-indígenas.

One pattern is a process of demographic collapse as a consequence of European and African (Old World) diseases being brought to the New World. Estimates vary wildly, but most scholars agree that native Caribbean populations exceeded several million before contact, and declined rapidly—perhaps as much as 90 percent in some places—within the first century after European arrival. Warfare accounted for some of this decline, but the primary cause was the unintentional introduction of pathogens like influenza and smallpox (to name only two). Facing an insufficient indigenous labor supply, Europeans began to import African laborers through the transatlantic slave trade¹².

Aquelas terras tornaram-se muito atrativas, particularmente depois dos ingleses terem introduzido a cana do açúcar. Lambert refere o açúcar foi muito apreciado pelos europeus. Essa foi a causa do sucesso desta cultura e a principal razão pela qual estas colônias foram tão cobiçadas pelos europeus:

This was not a local plant, but it grew well after its introduction. A lot of people in Europe wanted such products, and, as a result, those who grew it – known as ‘planters’ – became very wealthy. This also made the Caribbean colonies valuable – and tempting targets for rival empires. Britain and France were constantly at war in the 18th century and early 19th century, with places such as Martinique changing hands many times (Lambert, 2017, 16 nov.).

Esta subordinação a múltiplos colonizadores é uma marca que ajuda a conhecer a identidade do Caribe, cuja reação deu origem a vários movimentos independentistas:

One notable example of which is the slave revolution in Saint-Domingue that led to the emergence of the Republic of Haiti. (in the midst of the French Revolution, slaves and free people of color revolted in the Haitian Revolution, culminating in the abolition of slavery and the defeat of Napoleon Bonaparte's army at the Battle of Vertières. Afterward the state of Haiti was established on 1 January 1804—the first independent nation of Latin America and the Caribbean, the second republic in the Americas, and the only nation in the world established as a result of a successful slave revolt¹³.

¹² <http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0102>.

¹³ <http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0102>.

Em meados do século XVII, os ingleses expulsaram os espanhóis de uma das maiores ilhas – Jamaica. Antes da fuga, os espanhóis libertaram muitos escravos e constituíram comunidades livres. Isso foi um traço determinante que marcou a identidade e o futuro da Jamaica:

Despite their early claims to the island, the Spanish did not build a strong presence on Jamaica, and in 1655 English forces forced the Spanish to flee. Before leaving, however, Spanish settlers freed many of their slaves who established some of the communities that would be an enduring feature of Jamaican life¹⁴.

Os séculos que se seguiram foram marcados por uma forte oposição dos escravos ao poder do império britânico:

The colony saw significant slave unrest in the eighteenth and nineteenth centuries. Rebel and imperial forces fought the First Maroon War in the late 1730s, and a Second Maroon War in the 1790s. Some of the maroons who fought in the latter conflict eventually moved to Freetown in Sierra Leone after the end of the war. Later rebellions included the Baptist War in 1831 and the Morant Bay rebellion in 1865. Neither of these led directly to independence, as was the case in Haiti, but both spurred real reforms. The Baptist War is credited with helping to encourage Parliament to end slavery in the British Empire in 1834. After the Morant Bay rebellion, Jamaica became a crown colony, leading to greater supervision from Parliament¹⁵.

Esta irreverência, este inconformismo, este sonho só terminou com a proclamação unilateral da independência:

After the First World War, Jamaicans began to agitate for greater self-rule. Through a series of social, political, and legal actions in the decades that followed, Jamaicans asserted greater autonomy from the crown. In 1962, after unanimous approval of the national legislature, Jamaica declared its independence.

O exemplo da Jamaica é paradigmático do inconformismo, da reação à condição humilhante. Ele ajuda-nos a perceber o que é o Caribe. Podíamos referir outros exemplos, outros movimentos independentistas - outro exemplo notável é a colónia francesa de Saint-Dominique, para onde foram levados mais de 800 000 escravos. Apesar de ser o sistema de escravidão mais violento e repressivo foi o lugar onde teve origem a revolução dos escravos que levou ao surgimento da República do Haiti:

¹⁴ <http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0102>.

¹⁵ <http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0102>.

The northern plains surrounding Cap-Français were the seedbed for popular slave uprising during the Haitian Revolution. In August 1791, rebels began their assault on the plantation complex, burning buildings and factories. Within a few weeks, rebel forces grew in excess of ten thousand, forcing many whites to seek refuge in le Cap. Cap-Français was the site of important conflicts for several years as rebel and imperial forces battled for control of the city and the revolution¹⁶.

Em síntese, parece-me possível resgatar a identidade inacabada do Caribe no rosto de uma figura singular que carrega a cruz de quem se libertou do jugo de cinco séculos escravidão, mas ainda não conseguiu exorcizar o estigma da classificação racial com que lhe marcaram a alma e fizeram dele irremediavelmente um ser inferior aos demais.

4. OS FILHOS DOS ESCRAVOS

Vítimas da primeira globalização gritam desesperados contra a segunda, tão impiedosa quanto a primeira: perdidas no exílio de uma terra, que não sabem se é a sua, procuram encontrar-se no labirinto da diáspora das suas escritas. Travam lutas desiguais contra moinhos de ventos. Como os seus pais, não desistem. São dois gritos, dois protestos nas palavras de Jamaica Kincaid e de Marlene Nourbese Philip, respetivamente nas obras *A Small Place* e *Frontiers - essays and writings on racism and culture*

4.1. Jamaica Kincaid - *A Small Place*

Jamaica Kincaid (Elaine Potter Richardson), romancista, ensaísta e escritora, nasceu em St. John's, Antígua (1949), foi professora de Estudos Africanos e Afro-Americanos em Harvard. Carregado de uma profunda simbologia, *A Small Place* remete o leitor para as representações de servidão colonial que a Antígua conheceu, e cuja mundividência moldou a formação da autora, de onde saiu aos 16 anos (Ramos & Kincaid, 2007, p. 121).

Com *A Small Place*, o leitor é convidado a fazer uma visita guiada onde Kincaid denuncia o neocolonialismo, simbolizado na globalização e nas práticas do IMF. Num exercício de protesto, Kincaid mostra os efeitos da devastação dos países submetidos á

¹⁶ <http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0102>.

política do IMF, em contraste com os novos colonizadores, simbolizados na figura do turista americano indiferente aos problemas da pobreza extrema disfarçada pelos hotéis de cinco estrelas e as praias que os antíguanos não podem frequentar. É o olhar atento e crítico, a revolta de uma mulher inconformada com a subtileza das novas e sofisticadas formas de escravidão. A narrativa desenvolve-se a partir de uma tensão entre a herança de um passado colonial e o impacto do turismo global na Antígua atual.

A viagem começa assim:

“IF YOU GO to Antigua as a tourist, this is what you will see” (Kincaid, 2000, p. 20). A autora começa a visita com o levantamento das atrações turísticas que possam interessar ao turista ocidental, para imediatamente fazer uma análise da situação de Antígua. Jane Brodbeck elenca essas atrações, evidenciando as contradições que lhe estão associadas:

She opens the essay by enumerating the tourist attractions such as five-star hotels, the permanent sun, the aphrodisiac fish, the lush vegetation and the incredible navy-blue water of the astonishing sea. At every step the tourist gives, Kincaid blends the beauty of the place with the harsh reality of the population. What seems a permanent source of delight for the tourists like bad roads in contrast with the splendid roads of North America, for the native population means a setback from colonial legacy. Along the path from the five-star hotel, the tourist, who is comfortably sitting on a Japanese car, starts asking herself if the driver’s house can match such a brand-new car. Moreover, the tourist will also notice that the dusty building that they happened to pass by has a sign, which reads PIGOTT’S SCHOOL (Brodbeck, 2002/2003, p. 20)

A viagem continua: Kincaid regressa à sua infância, a Antígua e regressa também ao presente. Nessa sua visita guiada, faz referência ao estado degradado dos principais monumentos históricos. A biblioteca, por exemplo, foi atingida pelo terramoto de 1974 e nunca foi restaurada. Uma placa colocada em frente ao edifício testemunha a degradação cultural: HIS BUILDING WAS DAMAGED IN THE EARTHQUAKE OF 1974, REPAIRS ARE PENDING (Kincaid 2000, p. 9). Kincaid denuncia a situação pós colonial, responsabilizando os ingleses não só pelas atrocidades do passado, mas também pela situação atual:

The sign hangs there, and hangs there more than a decade later, with its unfulfilled promise of repair, and you might see this as a sort of quaintness on the part of these islanders, these people descended from slaves—what a strange, unusual perception of time they have. REPAIRS ARE PENDING, and here it is many years later, but perhaps in a world that is twelve miles long and nine miles wide (the size of Antigua) twelve years and twelve minutes and twelve days are all the same. The library is one of those splendid old buildings from colonial times, and the sign telling of the repairs is a splendid old sign from colonial times. Not very long after The Earthquake Antigua got its independence from Britain, making Antigua a state in its own right, and

Antiguans are so proud of this that each year, to mark the day, they go to church and thank God, a British God, for this. But you should not think of the confusion that must lie in all that and you must not think of the damaged library. You have brought your own books with you, and among them is one of those new books about economic history, one of those books explaining how the West (meaning Europe and North America after its conquest and settlement by Europeans) got rich: the West got rich not from the free (free in this case meaning got-for-nothing) and then undervalued labour, for generations, of the people like me you see walking around you in Antigua (Kincaid, 2000, p. 9).

Num misto de sentimentos, Kincaid continua a guiar o turista pela pequena ilha, onde o fantasma da escravidão continua a assombrar o presente. Intérprete de um sentimento coletivo, Kincaid mostra o orgulho que os habitantes de Antígua ostentam por terem resistido e superado a escravidão, mas não esconde a revolta que sente por não terem sido reparadas essas injustiças. Mas a revolta é mais veemente, porque a independência foi uma farsa. O neocolonialismo dissimulado continua a escravizar os antiguenses, através da corrupção, com a conivência dos governantes, também eles corruptos:

The people who live in this house are a merchant family who came to Antigua from the Middle East less than twenty years ago. When this family first came to Antigua, they sold dry goods door to door from suitcases they carried on their backs. Now they own a lot of Antigua; they regularly lend money to the government, they build enormous (for Antigua), ugly (for Antigua), concrete buildings in Antigua's capital, St. John's, which the government then rents for huge sums of money; a member of their family is the Antiguan. Ambassador to Syria; Antiguan hate them. Not far from this mansion is another mansion, the home of a drug smuggler (Kincaid, 2000, pp. 10-11).

Simbolicamente, o turista representa o ocidente (europeus, americanos, IMF), representa as oportunidades que foram negadas aos nativos e isso é motivo para os nativos não gostarem dos turistas:

For every native of every place is a potential tourist, and every tourist is a native of somewhere. Every native everywhere lives a life of overwhelming and crushing banality and boredom and desperation and depression, and every deed, good and bad, is an attempt to forget this. Every native would like to find a way out, every native would like a rest, every native would like a tour.

But some natives- most natives in the world- cannot go anywhere. They are too poor. They are too poor to go anywhere. They are too poor to escape the reality of their lives; and they are too poor to live properly in the place where they live, which is the very place you, the tourist, want to go-so when the natives see you, the tourist, they envy you, they envy your ability to leave your own banality and boredom, they envy your ability to turn their own banality and boredom into a source of pleasure for yourself (Kincaid, 2000, p. 10-11).

Kincaid assume a função de profetiza e denuncia a insensibilidade dos turistas sedentos de um exotismo indiferente à miséria e ao sofrimento dos antíguanos. *A Small Place* é a tentativa de Kincaid de combater todo o mal que atingiu Antígua e preservar um pequeno pedaço da terra que ela amava. *A Small Place* é tudo, mas é sobretudo a marca identitária de um povo que carrega o fardo da escravidão que a história lhe escreveu.

4.2. M. Nourbese Philip - *Echos in a Stranger Land*

Filha do Carib, Marlene Nourbese Philip, nasceu em Tobago (1947) e estudou na Universidade das Índias Ocidentais, onde fez um bacharelato em economia e um mestrado em Ciência Política. No Canadá licenciou-se em Direito e exerceu advocacia durante sete anos em Toronto. Abandonou a advocacia para se dedicar à escrita. Da sua obra destacamos uma antologia de textos avulsos, publicados originalmente em jornais e revistas diversas: *Frontiers - selected essays and writings on racism and culture*. Nela aparece vertida a sua experiência de ser negra e feminina, mas também a sua experiência privada e pública do colonialismo. “Echos in a Stranger Land” é a porta de entrada em *Frontiers: selected essays and writings on racism and culture*. Nesta introdução, Nourbese Philip dá a conhecer as suas preocupações com a presença do racismo na cultura. Vamos fazer uma visita guiada com a autora a essa “terra estranha”, a terra do seu exílio e tentar escutar esses “ecos” que ressoam nas suas palavras.

Em *Echoes in a Stranger Land*, Nourbese Philip parte da sua experiência pessoal de criança exilada, que aos oito anos de idade teve que abandonar a casa e partir: “from one exile to another, island hopping, first to Trinidad, "for an education," British and colonial, next to Jamaica for a continuation at the tertiary level, and then to a more permanent exile in North America” (Philip 1992, p. 9), para começar a aprofundar o conceito de “exílio”. O exílio a que se refere é anterior e é muito mais profundo do que aquela sua experiência inicial: “is the legacy of colonialism and imperialism that first exiled Africans from their ethnicity and all its expressions- language, religion, education, music, patterns of family relations -into the pale and beyond, into the nether nether land of race” (Philip, 1992, p. 10).

Nourbese Philip informa o leitor que essa sua condição de exilada é uma herança colonialismo e do imperialismo, nas diversas facetas:

Many-faceted and many-layered, this condition of exile is the legacy of colonialism and imperialism that first exiled Africans from their ethnicity and all its expressions- language, religion, education, music, patterns of family relations- into the pale and beyond, into the nether nether land of race (Philip, 1992, p. 10).

Nourbese Philip, no regresso ao Caribe, constata que, ao contrário do Canadá e dos EUA, as marcas culturais africanas estão a desaparecer perante uma investida dos *medea* americanos:

Strangely enough, in the Caribbean, in these islands that are predominantly African, the links appear weaker, the flight from Africa manifesting itself in either a profound erasure and silencing or a submerging under a growing Americanism through the uncritical absorption of CNN news, Santa Barbara, Knots Landing, and Dallas. I say appear since the apparent absence is deceptive and is really a presence, albeit hidden (Philip, 1992, p. 10).

Voltando ao Canadá, Nourbese Philip denuncia a ilusão em que os Canadenses vivem ao situarem o racismo fora das fronteiras do Canadá. O discurso que alimenta esta aparência é desmentido tanto pelos confrontos entre a polícia e os canadenses africanos, quanto pelo tratamento que as instituições culturais dão à estética africana e aos seus artistas. É chegada a hora de fazer da cultura um lugar de contestação racial.

The significance of the 1990 confrontation between the Royal Ontario Museum (ROM) and the African Canadian community over the display, *Into the Heart of Africa*, lay in the fact that for the first time the issue of culture as a site of contestation attracted and galvanized wide-based attention (Philip, 1992, p. 12).

Nourbese Philip reconhece que alguma coisa tem sido feita. A sua coletânea – *Frontiers*- é o exemplo desse esforço que tem sido feito. É um sintoma de que alguma coisa está a mudar. A destruição que o capitalismo provocou na cultura africana no Caribe e na América não foi inocente:

The intent of the onslaught against Africans was two-pronged: to achieve a cheap unwaged source of labour and to destroy their cultural life. The latter was not an accidental by-product of the former, but integrally linked to it, an African workforce that had no cultural base or resource to rely on would be a more pliable, less rebellious one (Philip, 1992, p. 13).

Quando Nourbese Philip desabafa com o leitor e refere o sobressalto que os seus pensamentos lhe causam, ao pensar “that it is less cruel to kill people, leaving their culture and respect for it intact, than denude them of their culture and by some means means deride and destroy it, leaving them to howl their pain and anger on down through the centuries” (Philip, 1992, p. 14), ela está a soltar um um grito de raiva pela dor infligida à sua cultura; quando escreve, sente que denuncia um ato de selvajaria, mas sente também que pela escrita educa e consciencializa aqueles que tanto mal têm semeado:

To strip people of the gift of their culture is a double act of inhumanity for both the victim and the perpetrator, who is also a victim. It becomes even more heinous for the perpetrators of this crime - Europeans and their descendants (in this case, white Americans and Canadians) - to condemn and blame the victims for their deculturation - their loss (Philip, 1992, p. 14).

O seu foco centra-se agora o tratamento discriminatório de duas culturas - a africana e a asiática - por parte dos colonizadores. A partir de preconceitos raciais, classificam-se as culturas em superiores e inferiores. Essa classificação tem reflexo na maneira como cada cultura, cada povo se vê a si mesmo:

The different treatment of these two cultures, African and Asiatic, has had a lasting effect on how these groups view themselves and their cultures - in one instance, to be cherished; in the other, to be ashamed of. Not only the effect on the peoples, but the difference in attitude to the two groups continues on down to the present time. It has its roots in a pernicious type of racism that ranked subject peoples, so that those whose cultures more closely approximated European culture, in having a written language and big stone buildings, were considered a cut or two above the non-literate savage living in the jungle - read African (Philip, 1992, pp. 14-15).

Ser legalmente canadense, ser portador de um passaporte canadense e sentir-se estrangeiro no Canadá significa viver permanentemente exilado na própria terra. Essa experiência de exclusão não poupa aqueles que nesta terra nasceram, mas atinge todos os que têm uma cor de pele diferente da dos brancos. Por isso, interroga-se a autora: « How do we lose the sense of being "othered," and how does Canada begin its m/othering of us who now live here, were born here, have given birth here - all under a darker sun» (Philip, 1992, p. 16)? E a autora responde dando conta que a única razão é a cor da pele:

Being born elsewhere, having been fashioned in a different culture, some of us may always feel "othered," but then there are those— our children, nephews, nieces, grandchildren— born here, who are as Canadian as snow and ice, and yet, merely because of their darker skins, are made to feel "othered" (Philip, 1992, pp. 16-17).

Nourbese Philip dá a conhecer o ponto de vista dos brancos canadenses e ingleses e refere que há um fosso abismal que os separa dos africanos. E nada sugere que haja uma predisposição do grupo maioritário e dominante para promover uma sociedade inclusiva, onde as minorias africanas possam ser acolhidas e integradas:

It matters not a jot that an African Canadian person may think herself very much integrated within Canadian society and a part of it - they may and do wear the same clothes, attend the same churches, go to the same schools, live in the same neighbourhoods - if the dominant society continues to see them- us- as alien, different and Other, they cannot truly belong to the society (Philip , 1992, p. 18).

Nessa sequência, Nourbese Philip relembra a atitude xenófoba e racista da Alemanha nazi e as consequências que daí advieram para os judeus, que eram tão alemães quanto os arianos. M. Nourbese Philip reconhece que o problema da integração dos africanos no Canada tem uma dupla vertente: por um lado os africanos não abraçam a cultura dominante incondicionalmente e por outro, a maioria branca não aceita a cultura africana. M. Nourbese Philip contextualiza e esclarece as causas que levam os africanos a resistirem à cultura dominante:

What I am, in fact, saying, is that the history of that lack of acceptance and rejection and hatred is *why* we cannot unambivalently embrace the dominant culture, and that the solution to racism and white supremacy is not through sameness, as Mukherjee's argument seems to suggest. I am also arguing for a subversive role for memory, that memory is more than nostalgia - it has a potentially kinetic quality and must impel us to action (Philip, 1992, p. 20).

Responde à tese daqueles que defendem que os africanos canadenses deveriam entregar os passaportes e partir ("nigger go home"), uma vez que não manifestam gratidão aos benfeitores:

Those who think like this, however, will not see such a simplistic solution. Their worst nightmares have been and will continue to be confirmed. In the words of my only mother tongue, the Caribbean demotic, "We ent going nowhere. We here and is right here we staying." In Canada. In this world so new. To criticize, needle and demand; to work hard for; to give to; to love; to hate - for better or worse - till death do we part. And even after - in the African tradition do nosso papel ancestral após a morte de aconselhar e orientar nossos filhos - nossos descendentes. Canadenses africanos – canadenses (Philip, 1992, pp. 20-21).

M. Nourbese Philip defende que os canadenses africanos não farão como os judeus que foram deportados para o cativeiro da Babilônia: não deixarão de cantar os cânticos da sua terra, porque, afinal, eles começaram a amar aquela terra e aquela terra pertence-lhes:

(...) those early Africans - singing their songs in this land so new and so strange- songs that harked back to their earlier be/longing elsewhere, but in singing those songs they were making their first mark of be/longing to the land, the place - this world so new- the Caribbean and the Americas (Philip, 1992, p. 22).

Se alguém poderia reclamar, com legitimidade, essa terra, esse alguém são os nativos:

The only peoples who be (truly)long here - who be long here (I use "be" in the African American vernacular sense), are the Native peoples. Unlike all other peoples who came here, the African did not choose to come, but was forced to come as a consequence of one of the most cruel enterprises in history, the trans-Atlantic trade in Africans (Philip, 1992, p. 22).

Quinhentos anos! É tempo mais do que suficiente para tomar consciência que esta é a terra de todos: o lugar onde todos se devem sentir em casa e ninguém deve ser excluído: “Não para a África, não para a Inglaterra; não para a Espanha ou a França, mas aqui neste mundo tão novo - o Caribe, as Américas, incluindo o Canadá - cantando suas canções em uma terra desconhecida - pelos rios da Babilônia” (Philip, 1992, p. 22). Numa palavra: a tolerância, o respeito, o conhecimento mútuo é o único caminho não só para os canadenses africanos, mas para todo: africanos, asiáticos, europeus e nativos. Esta é a proposta de M. Nourbese Philip e é válida para o Canadá, o Caribe e os EUA.

5. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa pudemos verificar que o fenómeno da escravatura é uma realidade que se perde no tempo e não conhece fronteiras: desde a Antiguidade até aos nossos dias há testemunhos deste flagelo. Essa generalização de um fenómeno transversal a todas as culturas, permitiu contextualizar e enquadrar o fenómeno global que caracterizou o tráfico negreiro que começou com descoberta acidental da América, por Cristóvão Colombo, em 1492, e se prolongou até meados do século XIX.

A ganância dos europeus que se depararam com a vastidão de um continente quase ilimitado não os inibiu de ao longo de quatro séculos traficarem milhões de negros de África para as Américas, a fim de explorarem as potencialidades que aquele continente oferecia. Do sul ao Norte, sem esquecer as Caraíbas, não há um metro quadrado de terra que não esteja manchado com o sangue da escravidão africana.

Tratados como animais, desde a captura, a compra e venda destas “peças” sujeitas ao transporte nos “tumbeiros”, onde cerca de 10% encontrava alívio na morte causada pelas doenças e suicídios. Os sobreviventes eram despejados nas Américas e revendidos pelos traficantes. Escravizados, trabalharam pelo alimento, durante quatro séculos e assim edificaram a América. Com o final oficial da escravatura, esta prática não se extinguiu, mas permitiu que movimentos inspirados nos direitos humanos levassem a cabo a luta contra as novas formas de escravidão. Desde a revolta dos escravos, a América está cheia de figura e vozes que lutaram pela igualdade de direitos e políticas de integração onde todos tivessem os mesmos direitos e garantias.

Marlene Nourbese Philip em *Echoes in a Stranger Land* e Jamaica Kincaid (Elaine Potter Richardson) em *A Small Place* foram as duas vozes, os dois gritos inconformados com a prática de novas e sofisticadas formas de escravidão: denunciam os efeitos devastadores da nova globalização que continua a escravizar o Caribe; denunciam a exclusão dos afroamericanos, onde a discriminação racial os faz sentir estrangeiros em terra própria.

Não só reclamam, como fazem propostas: o caminho da América passa pelo reconhecimento e respeito mútuo das diferentes culturas: europeia (brancos) africana, asiática, sem esquecer os nativos, os verdadeiros donos daquela terra. Nesse trabalho de denúncia, de consciencialização e de educação de todos (individual e coletivamente), reside o projeto destas duas ativistas dos direitos humanos. A escrita é a arma que convocam para travar este combate. Será suficiente? Não sei! Mas uma coisa é certa: este parece ser o caminho que leva não só à afirmação da identidade cultural do Caribe, mas ajuda a traçar a verdadeira identidade americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, C. (2016). *O Navio Negreiro*. Ex! Editora. Disponível em:

https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=LTrYCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=navios+negreiros+escravos&ots=-R2ggNpyeA&sig=SdsLbFgqr SCges 40Slh_K8Uec20&redir_esc=y#v=onepage&q=navios%20negreiros%20escravos&f=false

Brodbeck, J. (2002/2003). Traveling Old Policies: A Guided Tour by Jamaica Kincaid's *A Small Place*. *Textura*, 6/7, 19-23.

Caldeira, A. (2016). *Memorial da Escravatura e do Tráfico Negreiro*. Cacheu – Guiné Bissau. Disponível em:

http://casacomum.org/cc/img/destaques/2016/112/Catalogo_Memorial_Escravatura.pdf

Cândido, M. P. (2013). O limite tênue entre liberdade e escravidão em benguela durante a era do comércio transatlântico. *Afro-Ásia*, (47), 239-268.

Courtin, D. (1969/1982). The Atlantic Slave Trade: A Census. *The Journal of African History*, 23(4), 473-501.

Dubois, L. (2006). *Avengers of the New World*. Massachusetts: Harvard University Press.

Eltis, D., & Richardson, D. (2010). *Atlas of the Transatlantic Slave Trade*. New Haven,

Eltis, D., & Richardson, D. (2015). *Atlas of the Transatlantic Slave Trades*. New Haven: Yale University Press. doi:10.1590/S0002-05912013000100007.

Gilgamesh (2000). Lisboa: Vega Editora.

Philip, M. N. (1992). *Echoes in a Stranger Land*. Frontiers: essays and writings on racism and culture.

Kincaid, J. (2000). *A Small Place*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Klein, H. S. (2002). *O comércio atlântico dos escravos – quatro séculos de comércio esclavagista*. Lisboa: Editora Repartição.

Lambert, D. (2017). An introduction to the Caribbean, empire and slavery. British Library. Disponível em: <https://www.bl.uk/west-india-regiment/articles/an-introduction-to-the-caribbean-empire-and-slavery>

Manning, P. (1981). The Enslavement of Africans: a Demographic Model. *Canadian Journal of African Studies*, 15, 517.

Paul, E. L. (1982). The volume of the Atlantic Slave Trade: A Synthesis. *The Journal of African History*, 23(4), 473-501.

Ramos, E., & Kincaid, J. (2007). «Girl», de Jamaica Kincaid. *Cadernos de Literatura em tradução*, (8), 121-126, Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49431>

Ramos, E. (2007). «Girl» de Jamaica Kincaid. *Cadernos de Literatura em tradução*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49431/53508>.

Rodrigues, J. (1999). *Cultura Marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil sécs XVII e XIX*. *Revista Brasileira de História* 19 (38), 15-53.

Veyne, P. (1990). *O Império greco-romano*. S. Paulo: Ed. Schwarcz.

WEBGRAFIA

<http://slavevoyages.org/assessment/estimates>

<http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0102>

<http://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0105>